

O Lugar do Negro no Jornal Gay Lampião da Esquina¹

Marcia Neme BUZALAF²

Doutora

Elton TELLES³

Mestrando

Lilian BITTENCOURT⁴

Mestranda

Wesley COLATI⁵

Mestrando

Universidade Estadual de Londrina, PR

Resumo

Este artigo propõe uma análise da discussão realizada pelo jornal *Lampião da Esquina* sobre pautas raciais. O jornal, impresso entre os anos 1978 e 1981, durante a censura cultural imposta pela ditadura civil-militar, foi adjetivado pelo seu conselho editorial como um “jornal homossexual”. Apesar do público-alvo do *Lampião* serem homens gays, o jornal teve como proposta dar espaço a todas as minorias.

Palavras-chave: História da Mídia Alternativa; Lampião da Esquina; Minorias Sociais; População Negra; Imprensa.

Introdução

“Um jornal de homens gays feito para homens gays, apesar de ter uma abertura para outros movimentos” (LAMPIÃO..., 2016, 50 min). Foi assim que a jornalista Dolores Rodrigues definiu em poucas palavras o *Lampião da Esquina*, jornal alternativo pioneiro em oferecer conteúdo editorial focado em pautas homossexuais no Brasil. O periódico teve circulação no país entre os anos 1978 e 1981, portanto durante o cerceamento cultural imposto pela ditadura civil-militar.

No histórico da publicação, a citada Dolores Rodrigues foi uma das poucas mulheres colaboradoras do *Lampião da Esquina*, cujo conselho editorial fixo era formado

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Alternativa, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Doutora. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UEL (Universidade Estadual de Londrina). E-mail: marciabuzalaf@uel.br

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UEL (Universidade Estadual de Londrina). E-mail: elton.telles8@gmail.com

⁴ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UEL (Universidade Estadual de Londrina). E-mail: lilianbittencourt@gmail.com

⁵ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UEL (Universidade Estadual de Londrina). E-mail: wcolati@gmail.com

por onze homens assumidamente gays da classe intelectual, entre os quais jornalistas, artistas e escritores. Dentre eles, somente um era negro, o jornalista Adão Acosta.

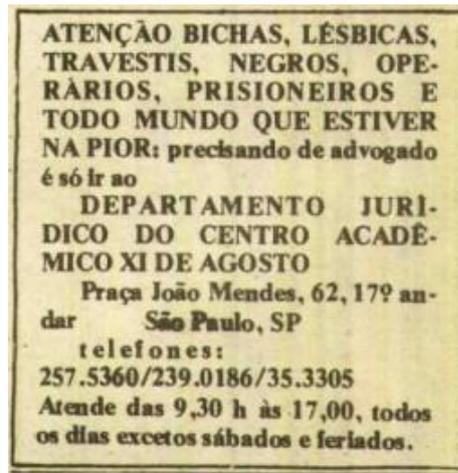
Dentro deste universo em que homens brancos prevaleceram, ainda que marginalizados por conta da orientação sexual, essa predominância não era refletida nas páginas do *Lampião da Esquina*. Ao contrário de Dolores, que participava de maneira ocasional das publicações, o escritor, cineasta e dramaturgo João Silvério Trevisan (2018) não só foi um dos fundadores de um dos primeiros jornais gay do Brasil⁶, como teve o seu nome cravado no expediente do impresso até a sua última edição. Sua apreciação a respeito do periódico é sintetizada no excerto abaixo:

[...] Lampião vinha, bem ou mal, significar uma ruptura: onze homens maduros, alguns muito conhecidos e respeitados intelectualmente, metiam-se num projeto em que os temas tratados eram aqueles considerados “secundários” - tais como sexualidade, discriminação racial, artes, ecologia, machismo - e a linguagem empregada era comumente a mesma linguagem desmunhecada e desabusada do gueto homossexual. Além de publicar roteiros de locais de pegação guei nas principais cidades do país, nele começaram a ser empregadas palavras proibidas ao vocabulário bem-pensante (como viado e bicha), de modo que seu discurso gozava de uma saudável independência e de uma difícil equidistância inclusive a diversos grupos da esquerda institucionalizada. Tratava-se de um jornal que desobedecia em várias direções (TREVISAN, 2018, p. 317).

O conteúdo majoritariamente definido pelo recorte homossexual compartilhava espaço na publicação com reportagens, artigos, ensaios e entrevistas voltadas a outros grupos sociais minoritários que, à época, eram – e ainda são – discriminados por uma formação cultural hegemônica e opressora.

FIGURA 1

⁶ Segundo Flávia Péret, pesquisadora e autora do livro “Imprensa Gay no Brasil”, a primeira publicação abertamente homossexual no país foi o *Snob*, uma revista carioca lançada em 1963. “O *Lampião* foi o primeiro jornal gay de circulação nacional. Ao contrário das publicações da década de 1960, distribuídas de maneira clandestina e quase sempre gratuitamente, era vendido em bancas de jornal de várias cidades do país” (PÉRET, 2011, p. 51).



Quadro presente na reportagem “Rio: a violência como convém”.

Fonte: *Lampião da Esquina* – Ano 2/n. 20, p. 5

Tal qual observado na figura 1, os dizeres do quadro não se limitam ao público costumeiro do periódico, isto é, os homens homossexuais. O editorial demonstra preocupação com outras minorias desprotegidas (lésbicas, travestis, negros, operários e prisioneiros) ao recomendar aconselhamento jurídico aos seus agentes, que, tanto quanto os homens gays, são alvos fáceis de violência física e simbólica.

Partindo do enfoque na comunidade negra, o presente artigo busca elucidar a postura e posicionamento do jornal *Lampião da Esquina* na abordagem do negro na sociedade, traçando uma aproximação de semelhança com a questão do homossexual, ou seja, duas classes rejeitadas socialmente e menosprezadas pela intolerância.

Representação Negra e Comunicação Homossexual

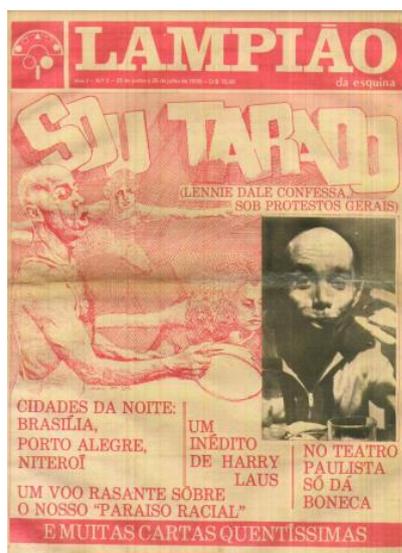
Contextualmente, a época em que o *Lampião da Esquina* passou a ser impresso caracterizava-se pela invisibilidade social da população negra. Sodré (2020) identifica essa invisibilidade não apenas na imprensa, mas na sociedade de forma geral. Segundo o professor, “nos anos 1970, (...) se dizia que racismo era invenção de sociólogo americano, que racismo brasileiro não existia, existia na África do Sul e nos Estados Unidos. (...) Não davam importância ao racismo, não acreditavam porque não queriam acreditar” (SODRÉ, 2020).

Na edição zero, taxada como “experimental” pelo conselho editorial, o *Lampião da Esquina* se posicionou como um jornal com o objetivo de abrir espaço para todas as minorias: “Nós pretendemos, também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos

injustamente discriminados – dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias” (EDITORIAL, 1978, p. 2). Na mesma edição, estabelece-se o conceito de minoria como “um grupo sobre o qual a sociedade repressiva mantém seus tacões, mesmo que ele não seja minoritário, como as mulheres, por exemplo” (LONTRAS..., 1978, p. 11). Apesar da intenção trazida pelo conselho editorial, a invisibilidade da população negra existente na sociedade também atingiu o jornal, ao menos em suas primeiras tiragens.

Apesar de ter sido citada na capa da segunda edição do *Lampião* (figura 2), a pauta racial foi destaque do jornal pela primeira vez apenas na quarta edição, por meio de uma entrevista com Clovis Moura, presidente do Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas. A entrevista, que ocupou uma página inteira do jornal, teve como gancho jornalístico um protesto ocorrido em São Paulo contra a discriminação racial e a criação do Movimento Negro Unificado.

FIGURA 2



Primeira vez que a pauta racial ganha a primeira página do *Lampião da Esquina*⁷

Fonte: *Lampião da Esquina* – Ano 1/n. 2

Na edição número 6, o *Lampião* trouxe em sua capa uma foto da cantora Leci Brandão, anunciando a entrevistada do mês. A entrevista, que ocupou duas páginas da edição, focou mais na homossexualidade da sambista, citando-se o fato de ela ser negra

⁷ As pautas ligadas às questões raciais já estavam presentes desde o início do *Lampião*, ainda que tomando pouco espaço nas publicações. Com o passar do tempo, outros grupos discriminados – além dos homossexuais – foram conquistando mais notoriedade dentro do jornal, incluindo os movimentos negros.

apenas ao se questionar se Leci não teria medo por ser triplamente discriminada, já que além de homossexual, é negra e mulher (BASTOS; CHRYSÓSTOMOS; DOMINGUES, 1978, p. 10-11).

A capa da edição de março de 1979 (número 10) apresentou a chamada “Minorias exigem em São Paulo: felicidade deve ser ampla e irrestrita”, fazendo-se referência à cobertura feita pelo jornal de uma “semana de minorias” organizada pela Universidade de São Paulo (USP). A reportagem, de mais de duas páginas, trouxe o título “Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP: Felicidade também deve ser ampla e irrestrita” e descreveu a participação de dois jornalistas do conselho editorial em uma das mesas de debate do evento.

Sobre a população negra, o texto destacou a ausência de pretos nos quadros do grupo Somos (grupo brasileiro de defesa dos direitos LGBT, fundado em 1978) e a conclusão decorrente do debate de que “a marcha pela liberdade – social, racial, sexual – é uma só. Cada grupo minoritário deverá unir-se, organizar-se com seus integrantes, lutando por uma democracia de fato no Brasil” (DANTAS, 1979, p. 9).

Na segunda parte da reportagem, em texto intitulado “Quem tem medo das ‘minorias?’”, João Silvério Trevisan (1979) relatou de forma mais específica a atuação dos grupos minoritários durante o evento. Sobre os negros, escreveu:

Ao lado dos homossexuais, foram eles os críticos mais coesos à esquerda tradicional, branca e machista, que em nome de ideologias progressistas acaba acentuando sua descaracterização cultural e ditando-lhes regras de bem-agir. Evidentemente, os negros receberam insistentes acusações de estarem provocando divisionismos. Mas nem por isso deixaram de falar; aliás, jamais vi os negros brasileiros falando de si mesmos com tamanha consciência (TREVISAN, 1979, p.10).

Na edição de número 14, o *Lampião* publicou uma reportagem de meia página intitulada “E o negro, é ‘beautiful?’”. No texto, o conselho editorial teceu críticas às teses de Gilberto Freyre, à retirada, desde 1950, do item “raça” do formulário de recenseamento do governo e da ausência de uma bibliografia em português acerca do negro brasileiro e da história africana. A reportagem também criticava a falta de organização do movimento negro, relatando que as formas de afirmação do negro brasileiro, naquela época, estavam se limitando a espaços elitistas e diminutos. Essa foi a justificativa encontrada pelo *Lampião* para a falta de interesse dos movimentos negros em ocupar um espaço no jornal e, neste ponto, o conselho editorial reafirmava seu posicionamento como aberto a todas

as minorias e renovava o convite para que elas participassem das publicações (E O NEGRO..., 1979, p. 8).

Neste momento, parece correta a análise do antropólogo MacRae (2018), para quem “infelizmente, apesar desse empenho em manter as suas páginas abertas a outros grupos sociais, *Lampião* nunca conseguiu ser plenamente aceito como um jornal das minorias. A centralidade de seu foco em temas relacionados à homossexualidade emprestava-lhe um estigma que parecia por demais ‘contagante’, afugentando os segmentos heterossexuais de seu público potencial” (MACRAE, 2018, p. 148).

Apesar da observação de MacRae, Sodré (1998, p. 23) destaca que, a partir da década de 80, o Movimento Unificado contra a Discriminação Racial (MNU) passou a pautar de forma mais consistente a questão racial na mídia, principalmente nos pequenos jornais impressos. Com isto, o grupo “pretendia desmontar o mito da democracia racial brasileira e montar estratégias antirracistas” (SODRÉ, 1998, p. 23). Este aumento da pauta racista na mídia teve impacto também no *Lampião da Esquina*, já a partir de meados de 1979.

Na edição número 15 (figura 3), datada de agosto de 1979 – mesmo período em que é sancionada a Lei da Anistia⁸ –, os negros foram promovidos a manchete principal do *Lampião da Esquina*, com uma entrevista que ocupou três páginas inteiras com o artista e ativista dos direitos humanos Abdias Nascimento. A introdução da entrevista revela que um dos representantes do IPCN (Instituto de Pesquisa da Cultura Negra), ao ler a reportagem da edição anterior, “E o negro, é ‘beautiful’?”, procurou os responsáveis pela publicação por denotar que o jornal tinha “intenção de abrir espaço para todos os ‘grupos estigmatizados’” (QUAL..., 1979, p. 10).

FIGURA 3

⁸ A lei de número 6.683 de 28 de agosto de 1979, batizada de Lei da Anistia no Brasil, foi sancionada pelo presidente João Batista Figueiredo após intensa mobilização social durante o regime militar.



Capa da edição 15 do *Lampião da Esquina*
Fonte: *Lampião da Esquina* – Ano 2/n. 15

O título da entrevista são aspas provocadoras atribuídas a Nascimento: “Nessa democracia quem governa é a minoria branca”. Além de eventos específicos da época, o entrevistado abordava os estereótipos, as raízes políticas contraditórias, a folclórica democracia racial brasileira e as constantes repressões às quais o negro é submetido. Como mostrado no decorrer deste artigo, esta não foi a primeira vez que o *Lampião da Esquina* cedeu espaço para pautas envolvendo a comunidade negra, mas com certeza foi a abordagem mais enfática e extensa até então, o que viria a se tornar um assunto recorrente nas edições seguintes.

Duas páginas à frente, havia um artigo com a chamada “Qual o lugar deles? Longe daqui, aqui mesmo: um negro escreve de Paris”. Escrito em primeira pessoa, um artista plástico brasileiro chamado Celestino detalhava a sua experiência cotidiana na capital francesa, ao mesmo tempo em que estabelecia um diagnóstico de como o negro era tratado em território brasileiro. Este tipo de conteúdo, sem apelo ao romantismo, buscava contrastar a vivência do negro no Brasil e no exterior, regularizando outra futura tendência editorial do *Lampião*.

Até em uma entrevista com o escritor e jornalista branco Fernando Gabeira, que estampou a capa da edição 18 por conta de seu retorno do exílio na Europa, foi levantada a questão dos negros no Velho Continente. É perceptível que a pergunta foi direcionada para se obter uma resposta em caráter de denúncia:

Adão - Agora eu queria saber qual a sua posição em relação ao negro.

João Carlos - Ao movimento negro.

Adão – Não só isso, não só ao movimento: a situação do negro de uma maneira geral; como você vê isso na sua volta? Acha que mudou alguma coisa?

Gabeira – [...] Na Suécia eu vi a situação do negro de uma forma melhor que no Brasil; o simples fato de deixarem o Brasil permitia que vissem o racismo daqui muito mais do que antes. Antes de qualquer discussão, só em sair do país eles já se livravam dos mecanismos de atenuação, de mascaramento do racismo brasileiro, e então o compreendiam (GABEIRA, 1979, p. 8).

O artista plástico Constantino viria novamente a colaborar com o *Lampião* na edição 28 (setembro de 1980), em uma reportagem intitulada “Um carnaval negro no Havre”, que pontua os aspectos positivos e negativos de um evento local, e encerra afirmando que, pela primeira vez, os brasileiros que viviam na França puderam, ao lado dos africanos e antilhanos, participar de uma manifestação em celebração à cultura negra no país.

A edição de número 17 (outubro de 1979) publicou um desabafo do colunista João Carlos Rodrigues (1979) com os manifestantes dos coletivos negros, que desprezaram o convite do *Lampião* e optaram por abordar a pauta do racismo junto ao jornal *O Pasquim*. Na ocasião, o autor do texto criticava as ideias desordenadas que nortearam dois debates envolvendo líderes negros, elogiando somente o Movimento Negro Unificado por “aceitar participar da luta dos outros oprimidos”. Em sua fala indignada, é possível detectar a tentativa frustrada de aproximação do *Lampião da Esquina* com os movimentos negros, pois o autor declara que “recusar portas abertas (onde houverem) não passa de um ato de arrogância e imaturidade política” (RODRIGUES, 1979, p. 2).

Na página subsequente, a matéria de capa “Bichas, mulheres e negros no açougue do marketing” elaborava uma crítica contundente ao tratamento de grupos discriminados nas propagandas. As críticas sem cerimônias ecoam na voz de outros segmentos sociais inferiorizados. Anexa à reportagem, constava uma carta aberta de protesto endereçada aos profissionais de publicidade. Intitulada “Contra a Discriminação”, o texto ocupava metade da página do jornal e havia sido redigido pelo fotógrafo Januário Garcia Filho, representando o Movimento Negro Unificado. Ele escreveu:

Na área da publicidade esta discriminação se apresenta muito maior se comparada a outras áreas da sociedade brasileira. Não vamos esquecer que o negro está presente em alguns comerciais e anúncios, atuando como a sociedade o vê: empregadas domésticas, garis, pipoqueiros, etc.,

e quando é colocado exercendo profissões que demonstram uma ascensão social, o negro brasileiro é africanizado ou americanizado, mas nunca é mostrado como um negro brasileiro. [...] Os homens que dirigem a publicidade no Brasil estabeleceram que o conceito de beleza, saúde e ascensão social é branco, dentro de uma nação em que o negro é maioria. Nós, negros, sabemos que não temos um alto poder aquisitivo, mas também sabemos que a maior parte da população branca também não tem. A publicidade chega a toda população (GARCIA FILHO, 1979, p. 3).

Assim como no universo da publicidade, os veículos de comunicação tradicionais também se agarravam a estereótipos condenatórios da comunidade negra e reiteravam a visão de mundo dominante. Tavares e Freitas (2010) se desdobram sobre as múltiplas formas de apagamento promovidas pelos recursos excludentes da grande mídia.

Os veículos de comunicação reafirmam o senso comum, cristalizando no pensamento popular o que se apresenta muitas vezes incoerente, fragmentário e desarticulado, resultado da história de colonialismo, escravidão e intolerância étnica e cultural, que foram fundamentais para a criação do estado eurocêntrico brasileiro e que, ainda hoje, sustentam o preconceito, a discriminação e o racismo (TAVARES; FREITAS, 2010, p. 216).

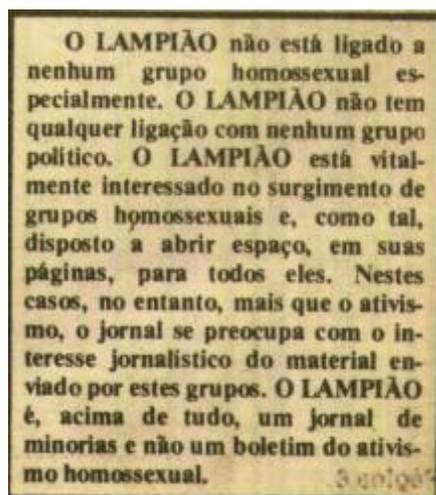
Na ordem de fazer “uma união das minorias contra a caretice” (LAMPIÃO..., 2016, 48 min), o *Lampião da Esquina* veio para romper com o paternalismo operante da mídia tradicional. Um outro exemplo disso é a matéria de capa do número 21, lançada em fevereiro de 1980, que repercutiu a possibilidade de o governo federal adotar a arbitrária prisão cautelar como instrumento de combate à violência nos centros urbanos. O intelectual Abdias Nascimento foi novamente escutado e duas páginas inteiras foram ocupadas com o pronunciamento de representantes do IPCN, Movimento Negro Unificado e uma matéria denunciatória assinada pelo jornalista e compositor negro Rubem Confete, sob o título “Negros: as vítimas da ‘vadiagem’”.

Vadiagem, prisão cautelar ou detenção acautelatória, pouco importa. O negro continuará sendo a principal vítima de um país onde nunca pediu para nascer, mas de que se tornou o principal construtor. Se faz urgente uma profunda reflexão honesta, imparcial e descompromissada psicologicamente, do Poder Público, para que, talvez um dia, até quem sabe, o negro adquira a condição de homem brasileiro, deixando a posição de mera cessa, que já se perpetua (CONFETE, 1980, p. 11).

Rubem Confete, a propósito, foi um colaborador assíduo do *Lampião da Esquina*, tendo contribuído em mais de dez edições, com ensaios de aspecto historiográfico sobre

as mais diversas temáticas culturais envolvendo a negritude, como ancestralidade e a herança do samba, até assuntos políticos, como manifestações por direitos igualitários e a seminal reportagem da edição 20, “IBGE dá golpe nos negros” (1980, p. 16), em que questiona a confiabilidade do modelo usado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas nos números sobre o desenvolvimento social e econômico do país.

FIGURA 4



Quadro na reportagem “Por uma política menor: bichas e lésbicas inauguram a utopia”.

Fonte: Lampião da Esquina – Ano 3/n. 25, pág. 9.

Em seu terceiro ano de vida, o *Lampião da Esquina* já comungava de forma mais assídua com outros grupos marginalizados, indo além daqueles estritamente ligados às condutas desviantes de gênero e sexualidade. Na edição de número 25, no ano de 1980 (figura 4), o jornal deixava claro o seu posicionamento ao ceder suas páginas aos demais movimentos oprimidos que, em geral, não encontravam espaço na grande mídia. Isso porque, conforme Bentes e Viana ressaltam em ensaio sobre mídia brasileira e racismo, “[...] percebemos que, até à atualidade, boa parte da mídia tem imprimido visões estereotipadas sobre o negro na sociedade brasileira, corroborando para a disseminação do racismo e do preconceito.” (BENTES; VIANA, 2011, p. 93)

Assim, na mesma edição, há um artigo intitulado “Minorias de quê”, no qual o veículo tecia uma crítica ao termo empregado para se referir a grupos como negros e homossexuais com o argumento de que a expressão “minorias” mais desqualifica do que auxilia na luta por igualdade. Mais adiante, em um trecho intitulado “E o 13 de Maio?”, o jornal evidenciava um manifesto organizado pelo Movimento Negro Unificado em comemoração ao Dia Nacional da Denúncia contra o Racismo, em São Paulo, e ressaltava

algumas problemáticas levantadas pelo próprio movimento ao se usar a data que celebra o fim da escravidão como um marco na luta contra a opressão racial.

Com certeza uma das maiores contribuições do *Lampião* foi dar notoriedade aos movimentos sociais que estavam se organizando na época em oposição ao regime militar. Na publicação de número 26, dentro da coluna “Ativismo”, há uma extensa reportagem sobre o 1º Encontro Brasileiro de Grupos Homossexuais Organizados, que retrata bem a importância deste segmento não se distanciar dos grupos de igualdade racial sob o risco de se fragmentar e perder importância na luta contra a discriminação. O texto expressava apoio à ideia de que estes grupos ganhem autonomia, ressaltando que o Movimento Homossexual “não deve se afiliar a um partido político, mas reconhecer a necessidade de estar ao lado dos explorados e oprimidos desta sociedade. Há um primeiro passo no trabalho com o Movimento Negro e grupos feministas” (GREEN, 1980, p. 10).

Mais adiante, ao noticiar um evento que aconteceria no Rio de Janeiro em comemoração ao Dia Nacional de Liberação Homossexual, em 28 de junho - atualmente denominado como o Dia do Orgulho -, *Lampião* noticia que, além dos próprios criadores do jornal, o Movimento Negro Unificado também estaria presente na celebração, o que reforça a proximidade dos temas relacionados à homossexualidade com os debates de raça, ainda que cada causa possua as suas devidas particularidades. Este encontro foi abordado com mais detalhes na edição 27, sendo uma das responsáveis por conduzir os debates foi a intelectual Lélia Gonzalez.

Porém, sem dúvidas, foi na edição 28 (figura 5) que a questão racial mais se destacou, a começar pela capa provocativa com a seguinte chamada: “Crioulo não é gente, bicha e mulher tem mais é que morrer”. Na primeira página mesmo, há uma charge crítica ao sistema de pesquisa do Censo de 1980 realizado pelo IBGE, conforme mencionado na edição 20.

FIGURA 5

lado dos oprimidos” (1980, p.13). A matéria, além de relatar o pensamento do juiz, também abordava questões envolvendo racismo e as revisões que precisavam ser realizadas no sistema judicial brasileiro para que o país fosse mais justo e inclusivo com seu povo.

As últimas edições do *Lampião da Esquina* pouco trouxeram sobre pautas raciais, voltando a tratar periféricamente do assunto ao destacar uma festa afro-brasileira que aconteceria em Porto Alegre, em 1981, na edição de número 35, e ao dar espaço, mais uma vez, para Leci Brandão por meio de uma crítica elogiosa, na edição 36, a respeito de uma série de apresentações da artista que aconteceram no Rio de Janeiro. Apesar de não citar em nenhum momento qualquer aspecto relacionado à cor – tampouco à sexualidade – da cantora, é notório que as mentes por trás do jornal possuíam grande apreço à sua figura, como fica evidente nesta última edição do *Lampião*.

Considerações Finais

Ao longo de três anos, entre abril de 1978 e junho de 1981, *o Lampião da Esquina* se destacou entre os veículos de imprensa alternativa, que surgiram durante o regime militar brasileiro, pelo tom debochado presente desde a primeira edição até a última, de número 36. Além de tratar de pautas ligadas ao universo homossexual com uma linha editorial menos moralista e estereotipada em comparação com a grande mídia daquele período, o jornal tinha como intuito “[...] abordar não apenas temas gays, mas também assuntos polêmicos ligados a grupos minoritários, como o feminismo e a questão racial” (PÉRET, 2011, p. 49).

É notório que, com o passar do tempo, as dissonâncias internas dentro do *Lampião* foram fazendo com que o jornal se afastasse da militância para se tornar um periódico mais voltado ao desbunde – como seus criadores mesmo costumam afirmar. As críticas, partindo dos próprios movimentos homossexuais, se intensificaram e isso pode ser notado com clareza na edição de número 31, em que até mesmo outras causas sociais, como a luta contra o racismo, por exemplo, parecem ter perdido importância dentro da publicação.

Nesta edição, datada de dezembro de 1980, João Carlos Rodrigues escreve uma matéria de perfil do escritor Lima Barreto em celebração ao mês da Consciência Negra. Isso porque, segundo Rodrigues (1980, p. 15), os militantes estavam perdendo tempo

brigando entre si (e com o próprio *Lampião*). Por isso, ao invés de cobrir as ações do Movimento Negro, o jornal preferiu homenagear toda a população afro-brasileira concentrada na figura de Lima Barreto, o que pode ser lido como uma clara resposta às insistências de diferentes grupos por um posicionamento mais incisivo do jornal.

Mesmo que o viés político tenha se diluído nas edições finais, durante boa parte do tempo em que esteve ativo, o *Lampião da Esquina* foi responsável por mobilizar a opinião pública para a discussão de temas negligenciados pela mídia tradicional.

Em mais de uma situação, o veículo propôs que grupos invisibilizados se unissem ao movimento homossexual para fortalecer a resistência contra a opressão vivida na sociedade brasileira. Além disso, ao tratar de temas pertinentes à população negra com um olhar menos paternalista e mais enfático, o jornal conseguiu se firmar como um marco na imprensa alternativa enquanto a ditadura civil-militar ainda era vigente no país, minando direitos e liberdades de diferentes atores marginalizados, incluindo negros e homossexuais.

Referências bibliográficas

BASTOS, J. F.; CHRYSÓSTOMOS, A.; DOMINGUES, M. A música popular entendida de dona Leczy Brandão. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, nov. 1978.

BENTES, H. V.; VIANA, V. J. L. Mídia brasileira como instrumento de racismo e interdição do negro no contexto das ações afirmativas. **Revista da ABPN**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 81-101, mar./jun. 2011.

CONFETE, R. IBGE dá golpe nos negros. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, jan. 1980.

CONFETE, R. Negros: as vítimas da “vadiagem”. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, fev. 1980.

DANTAS, E. Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP: Felicidade também deve ser ampla e irrestrita. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, mar. 1979.

E O NEGRO, é “beautiful”? **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, jul. 1979.

EDITORIAL, C. Saindo do Gueto. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, abr. 1978.

GABEIRA, F. Fernando Gabeira fala, aqui e agora, diretamente dos anos 80. [Entrevista concedida a] João Carlos Rodrigues. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 5-8, nov., 1979.

GARCIA FILHO, J. Contra a discriminação. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, out. 1979.

GREEN, J. Autonomia ou não, eis a questão. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, jul. 1980.

LAMPIÃO da Esquina. Direção de Lívia Perez. São Paulo: Doctela, 2016. 1 DVD (85 min.).

LONTRAS, piranhas, ratos veados e gorilas, atenção: vocês também têm direitos (A ONU decidiu). **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, abr. 1978.

MACRAE, E. **A construção da igualdade**: política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”. Salvador: EDUFBA, 2018.

MAYRINK, A. Um juiz pelas minorias. [Entrevista concedida a] Aguinaldo Silva. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 30, p. 13-15, nov., 1980.

MOREIRA, A. C. Uma lei branca. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, set. 1980.

PÉRET, F. **Imprensa gay no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2011.

QUAL é o lugar dos negros no Brasil? Abdias Nascimento responde. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ago. 1979.

RODRIGUES, J. C. Movimentos negros. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, out. 1979.

RODRIGUES, J. C. Lima Barreto, um escritor libertário. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, dez. 1980.

SODRÉ, M. Sobre a imprensa negra. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 23-32, jul./dez 1998.

SODRÉ, M. O negro é um cidadão invisível. Quando ele aparece, a violência aparece também. [Entrevista concedida a] Sanny Bartoldo. **Gênero e Número**, Rio de Janeiro, 26 nov. 2020. Disponível em: < <http://www.generonumero.media/o-negro-cidadao-invisivel-violencia/>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

TAVARES, J. C. S.; FREITAS, R. O. **Mídia e racismo**: colonialidade e resquícios do colonialismo. In: MANDARINO, A. C. S.; GOMBERG, E. (org.). **Racismos: olhares plurais**. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 205-222.

TREVISAN, J. S. Quem tem medo das ‘minorias’? **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, mar. 1979.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.